Continuando a conversa já iniciada nos textos anteriores, proponho-me neste texto focalizar a nossa atenção para o lugar da criança na Educação Infantil numa perspectiva Histórico-Cultural. Este texto conversa a partir de um contexto específico, Portugal, e a partir da experiência que tenho quer enquanto educadora de infância durante doze anos quer enquanto professora universitária que atua na formação de professores de Educação Infantil e do ensino fundamental (1ª à 4ª série) e que investiga a pedagogia da Educação Infantil com base nas perspectivas histórico-culturais. Para compreenderem a minha identidade é ainda relevante a minha experiência de vinte e um anos enquanto membro do Movimento da Escola Moderna[[1]](#footnote-1). É no seio deste movimento que tenho tido oportunidade de fazer aquilo que considero ser a minha atividade principal: construir conhecimento profissional/pedagógico sólido, em processo de auto-formação cooperada, centrando a praxis educativa na

essência da cultura e da democracia.

Ao abordarmos o lugar da criança na pedagogia somos normalmente tentados a considerarmos uma de duas opções: ou uma pedagogia centrada no professor onde a criança tem um lugar secundário e passivo num processo de domesticação, ou, em oposição, uma pedagogia centrada na criança onde a criança assume o principal papel na definição dos seus processos de aprendizagem criados a partir dela de forma mais ou menos espontânea. O que aqui vos venho trazer como alternativa é que consideremos, a partir de uma perspetiva Histórico-Cultural, uma pedagogia sociocentrada e dialógica que se efetiva numa comunidade de aprendizes (ROGOFF; MATUSOV; WHITE, 1996) como vêm fazendo, por exemplo, os educadores e professores do Movimento da Escola Moderna portuguesa. Estes educadores e professores assumem uma pedagogia centrada nas interações no contexto de grupos sociais e na atividade social e cultural desses mesmos grupos. É entendendo que a educação é um processo social de inter-ação entre seres humanos, sujeitos de direitos e com igual dignidade mas com experiências diferentes e responsabilidades diferentes, que exploramos os diversos posicionamentos (lugares) da criança nas atividades em que participa.

Queria sublinhar que não centrar a pedagogia na criança não significa não considerar a criança no processo – o respeito pelas suas características, interesses e motivos é a base de uma educação que toma a criança como sujeito de direitos. Por outro lado, é também necessário que a criança desenvolva uma relação com a cultura, não enquanto ser dominado por conteúdos cristalizados face aos quais a criança não exerce nenhuma ação, mas sim enquanto fruidor e autor ao se envolver nas atividades culturais com os adultos e com os seus pares.

Definir o lugar da criança é sempre um processo relativo – o lugar face a quê? Face à cultura, ou seja, face à aprendizagem? Face ao adulto nas mútuas relações de poder? Discutir o papel da criança e do adulto na interação educativa é determinante mas não suficiente. Esta discussão deverá também considerar o tipo de atividade em que se enquadra esta interação.

Começamos por procurar definir o lugar da criança na pedagogia refletindo sobre o modo como concebemos a aprendizagem. Em seguida desafiamos as práticas educativas para passar de considerar a criança como o centro do mundo para promover o lugar da criança no mundo. Seguindo esta linha, consideramos as possibilidades que a escola oferece para as crianças participarem em atividades culturais autênticas e assim desenvolverem a suas capacidades humanas. Atendendo às idades das crianças na Educação Infantil, procuramos ainda o lugar da criança definido a partir do seu modo particular de se relacionar com o mundo. Por último, realçamos o papel das conversas que dão vida e sentido às atividades em que adultos e crianças se envolvem no quotidiano educativo potenciando o seu desenvolvimento

humano como cidadãos em interação.

Defendemos assim que o lugar da criança na Educação Infantil é, não no centro e nem na sombra mas dentro, com outros, no mundo, como propõe Vasconcelos (2015, p. 27): “o centro do ato pedagógico é uma rede intrincada e complexa de interações de que as crianças fazem parte”.

1. O Movimento da Escola moderna é um movimento de professores de todos os níveis de ensino desde a creche à

universidade, que iniciou a sua atividade em1966, assumindo-se como um “movimento social de desenvolvimento

humano e de mudança pedagógica” (NIZA, 2009, p. 348), manifestando a dimensão social do seu trabalho ao procurar

construir a profissão construindo a cidadania; construir a escola construindo a democracia. O seu trabalho sustenta-se

em princípios e ideias chave que orientam, dão sentido e regulam no dia a dia a sua intervenção. São eles a cooperação,

a comunicação, a participação democrática em direto e o isomorfismo pedagógico (FOLQUE, 2011). [↑](#footnote-ref-1)